

3. METODOLOGIA

Este capítulo discorre sobre o método adotado para a pesquisa realizada, incluindo a categorização do tipo de pesquisa, bem como os critérios de seleção da amostra e de coleta e tratamento dos dados. As reflexões sobre as possíveis limitações do método adotado e a forma como a autora tentou lidar com tais limitações são apresentadas simultaneamente à descrição dos procedimentos de coleta e análise dos dados, optando-se por não constituir um tópico específico para esse fim.

3.1 Tipo de Pesquisa

Esta pesquisa foi realizada a partir de um método qualitativo de análise. Levando em conta a escassa bibliografia dedicada ao universo da dança do ponto de vista da administração, e ainda a informalidade que caracteriza as relações de trabalho neste meio, a autora considerou que a metodologia qualitativa seria mais adequada para delinear a cultura - no senso antropológico, compartilhado - que permeia o campo de trabalho dos bailarinos. Neste caso, é necessário entender essa cultura na qual se inserem os profissionais em questão, uma vez que suas escolhas estão diretamente relacionadas com seus conceitos sobre "arte", "estabilidade" e também sobre "ser bailarino". Embora neste caso não se trate de uma empresa, há a busca de estabelecer um perfil genérico da profissão de bailarino profissional atuante no Rio de Janeiro. E, para tal, a análise da fala de sujeitos, a partir de diversos informantes, auxilia na composição deste *ethos* profissional bailarino.

Para a classificação do tipo de pesquisa, abaixo estão relacionados os critérios básicos da taxionomia proposta por Vergara (1997).

Quanto aos fins, este estudo consiste em um tipo de pesquisa de investigação exploratória, pois a área da dança possui pouco conhecimento acumulado e sistematizado sobre o tema. *“Por sua natureza de sondagem, não comporta hipóteses que, todavia, poderão surgir durante ou ao final da pesquisa.”* (VERGARA, 1997, p.47)

Quanto aos meios, configura-se uma pesquisa de campo - por se tratar de uma investigação empírica realizada através de entrevistas com indivíduos que dispõem de conhecimento para explicar o fenômeno de interesse deste estudo - aliada à pesquisa bibliográfica – uma vez que utilizou livros, jornais e redes eletrônicas (materiais acessíveis ao público em geral) para compor o estudo. Por se tratar de uma área de conhecimento ainda pouco explorada, a autora contatou profissionais acadêmicos renomados do mercado carioca da dança para pedir sugestões de artigos e autores – fonte de importantes indicações da bibliografia da dança incluída nesta pesquisa.

A autora entrou em contato ainda com os principais órgãos representativos da dança na cidade, como o Sindicato da Dança (pelo telefone), Funarte (pelo telefone), Secretaria das Culturas (pelo telefone e *e-mail*), Centro Coreográfico (via *e-mail*), com o intuito de levantar dados dispersos em cada entidade. Em todos estes contatos foram coletadas respostas avulsas, sem qualquer ordenação de informações relacionadas ao mercado da dança carioca. Nenhum destes órgãos possui banco de dados que sugira a quantidade de bailarinos profissionais e/ou companhias da cidade, tampouco sobre o perfil das mesmas (patrocínios, quantidade de bailarinos da equipe, tempo de existência dos grupos, por exemplo). Uma importante fonte de informações sobre as companhias de dança da cidade foi o site www.itaucultural.com.br, que assumiu a tarefa de se tornar um banco de dados de mapeamento das ações de dança do país, tendo se tornado uma referência nacional na sistematização das iniciativas deste setor existentes no Brasil.

3.2 Seleção de sujeitos e coleta de dados

A ferramenta principal para levantamento dos dados analisados nesta pesquisa foi a entrevista semi-estruturada, que serviu como um roteiro para os encontros. Vale mencionar que a maioria destes foi realizada em locais públicos, tais como cafés e espaços próximos ao local onde os bailarinos estavam ensaiando. A pesquisadora quis evitar entrevistas dentro dos locais de trabalho, para fugir das interrupções ou

qualquer eventual desconforto com relação aos temas abordados. Apenas uma entrevista fugiu a esta regra, tendo sido realizada na residência da bailarina. Todas foram gravadas, visando a resguardar o acesso às expressões, ritmos e entonações, material este de sutil relevância para a posterior reflexão sobre a forma e conteúdo captado nas entrevistas.

A entrevista foi testada com dois colegas de trabalho da autora (ex-bailarinos) para avaliar os ajustes necessários, antes de iniciar o processo de coleta das entrevistas oficiais. Este processo se mostrou de vital importância para afinar perguntas que não estavam suficientemente claras, permitindo reformular algumas questões de acordo com a intenção do conteúdo que pretendiam abordar. Auxiliou ainda na ordenação e encadeamento das perguntas, retirada de questões redundantes, e ensaio da relação entrevistador x entrevistado – importante experiência para auxiliar a pesquisadora na descoberta da postura, dinâmica e tom adequado para esta situação.

“Aprender a realizar entrevistas é algo que depende fundamentalmente da experiência no campo. Por mais que se saiba, hipoteticamente, aquilo que se está buscando, adquirir uma postura adequada à realização de entrevistas semi-estruturadas, encontrar a melhor maneira de formular as perguntas, ser capaz de avaliar o grau de indução da resposta contido numa dada questão, ter algum controle das expressões corporais (...), são competências que só se constroem na reflexão suscitada pelas leituras e pelo exercício de trabalhos dessa natureza.” (DUARTE, 2002, p.146)

O perfil e história pessoal-profissional da autora implicaram inúmeras conseqüências ao desenrolar metodológico desta pesquisa. O fato de ter sido bailarina profissional até os 27 anos, quando “pendurou as sapatilhas” por problemas físicos irreversíveis, e ter iniciado então sua segunda carreira como gestora de uma companhia de ballet contemporâneo (que não possui patrocinador estável), foi definitivo não apenas na escolha do tema, como também na metodologia de pesquisa utilizada – conforme descrito ao longo deste capítulo.

A escolha pela aplicação das entrevistas decorreu do fato de a autora saber que o tema pesquisado é complexo, multifacetado e subjetivo. O seu amplo conhecimento da profissão, e das questões intrínsecas a ela, auxiliou na formatação e intencionalidade do roteiro da pesquisa, e foi determinante para a

condução das entrevistas. Estas estavam focadas nos seguintes eixos: motivos da satisfação e insatisfação na relação com o empregador, comprometimento do bailarino com a companhia (perfil da relação) e motivações que resultam na saída do emprego (*turnover process*). Em suma, as variáveis que norteiam as escolhas de carreira que os entrevistados realizaram, e continuam realizando, ao longo de sua trajetória profissional. Através da exploração destes temas, emergiram as práticas, natureza das relações, frustrações, valores, sentimentos e motivações, descortinando o ponto de vista desta classe sobre sua realidade profissional – e as implicações desta escolha sobre a vida pessoal destes sujeitos – e sobre o mercado de trabalho no qual estão inseridos, permeado por tantas peculiaridades.

Com relação à seleção dos sujeitos, da amostra, a autora buscou equilibrar variáveis como sexo, faixa etária e bagagem profissional, visando a alcançar a maior diversidade de vozes possível para enriquecer o mosaico de identidades, trajetórias e escolhas pessoais de carreira ao longo da vida. Assim, optou por entrevistar bailarinos jovens, que estão iniciando sua trajetória profissional, outros que estão no auge do ciclo profissional (entre 25/30 anos), bem como profissionais maduros, com mais de quarenta anos e ainda atuando em cena. Esta escolha se deu com o objetivo de identificar e retratar o ciclo profissional que um bailarino profissional percorre, desde a juventude com seus sonhos e projeções, até a maturidade, que apresenta a trajetória já vivenciada e o desafio de conciliar a escolha profissional com os compromissos atrelados à vida adulta.

Ainda sobre a seleção dos sujeitos, esta classe profissional consiste em um grupo com delimitações muito fluidas, sem contornos oficialmente definidos. Por se tratar de uma profissão que está inserida em um mercado não regulamentado, que não apresenta exigências restritivas com relação à formação, como distinguir um bailarino profissional na hora de selecionar os entrevistados? Outro elemento complicador nesta delimitação é que, devido à informalidade das relações profissionais, aliada à escassez de oportunidades e baixos cachês pagos, muitos indivíduos precisam conciliar a profissão como bailarino com outras atividades paralelas. Com tudo isso, vale chamar atenção para uma escolha da pesquisadora deste estudo: ao longo deste trabalho a palavra bailarino será empregada para designar a categoria profissional dos entrevistados, referindo-se aos indivíduos que

utilizam a técnica do ballet clássico e/ou vocabulários coreográficos da dança contemporânea como ferramentas essenciais para a prática de expressão corporal remunerada. A definição de um escopo específico para delimitar o termo bailarino empregado neste estudo busca distingui-los dentro de uma categoria mais ampla, de dançarinos, que inclui ainda uma variedade de profissionais também que utilizam o corpo em movimento, embalado pela música (ou até mesmo o silêncio), mas que não utilizam a dança clássica e contemporânea como técnicas de base para as coreografias encenadas a público. Por exemplo, dançarinos(as) de boates, de programas televisivos, que acompanham cantores em shows, de dança de salão, dentre outras possibilidades.

Diante deste cenário multifacetado, a autora sentiu a necessidade de delimitar critérios que nortearam a seleção de sujeitos para esta pesquisa. Afinal, conforme afirma Duarte (2002), *“a descrição e delimitação da população base, ou seja, dos sujeitos a serem entrevistados, assim como o seu grau de representatividade no grupo social em estudo, constituem um problema a ser imediatamente enfrentado, já que se trata do solo sobre o qual grande parte do trabalho de campo será assentado”* (p.141). Eis os principais critérios que orientaram esta seleção:

1. Indivíduos empregados em companhias estáveis, que recebem salário mensal fixo e trabalham diariamente como bailarinos;
2. *Free-lancers*: este núcleo foi composto por indivíduos que, quando questionados, definem-se como bailarinos profissionais – que assumem a dança como sua atuação profissional. Sujeitos focados na carreira, que, apesar de não possuírem emprego estável, mantém o preparo físico impecável para estarem aptos a realizar audições para companhias e projetos de dança sempre que surgirem oportunidades, e que já possuem experiência em alguma companhia reconhecida pelo meio. Sujeitos que realizaram, e continuam realizando, sacrifícios para continuarem atuando em cena, cuja fonte instável de renda resulta de atividades relacionadas à bagagem que conquistaram com sua formação de dança (dando aulas, vendendo obras para festivais, fazendo propagandas, participando de espetáculos para TV, dentre outros), e que aguardam o momento em que

conseguirão uma vaga em companhia ou projeto com pagamento regular para se sentirem plenamente realizados e satisfeitos.

As características mais importantes, relativas aos perfis dos entrevistados, são apresentadas no anexo 1 desta pesquisa. Dentre o grupo de quinze bailarinos, havia seis colegas de profissão de quando a pesquisadora era também bailarina, quatro bailarinos que conheceu como gestora da companhia para a qual trabalhavam, e cinco entrevistados que a pesquisadora não conhecia pessoalmente. Estes foram indicados por outros bailarinos que já haviam contribuído com a pesquisa, e, em função do conteúdo explorado, indicaram colegas de profissão: *“sugiro que você ligue para esta pessoa, ela tem uma experiência muito interessante para a sua pesquisa”*. Consiste em uma forma bastante comum de delimitar os entrevistados em pesquisas deste tipo, uma técnica de amostragem denominada *snowballing*. Como ressalta Duarte (2002),

"Essa é uma alternativa muito utilizada em pesquisas qualitativas e se tem mostrado produtiva. Alguém do meio, a partir do próprio ponto de vista, tem, relativamente, melhores condições de fornecer informações sobre esse meio do que alguém que observa, inicialmente de fora" (p.143).

Embora neste caso a pesquisadora não fosse alguém de fora do meio, as indicações assumiram a importante tarefa de ampliar o espectro, para que o grupo entrevistado não ficasse restrito apenas ao círculo mais próximo da autora.

A intimidade com o tema e a rede de contatos que a autora possui foram aspectos determinantes para a qualidade da seleção final dos entrevistados em relação ao conteúdo investigado, e para colher testemunhos ricos e sinceros, muitas vezes com informações e carga pessoal emocional muito intensa. Apenas para ilustrar a entrega dos colaboradores, em duas entrevistas surgiram a seguinte declaração: *“se meus colegas soubessem que estou dizendo isso me matariam!”* (Ent. 8 e 13).

Cada entrevista teve entre uma e três horas de duração, e com um desenrolar individual. Como a autora possui grande proximidade com o tema de estudo, encontrar o equilíbrio entre a distância necessária para manter a neutralidade e, ao mesmo tempo, instigar a fala do entrevistado com colocações que gerassem maior riqueza nos relatos, foi um desafio trabalhado a cada nova entrevista. Com o objetivo de estimular o entrevistado a refletir sobre respostas imediatas superficiais, a autora

explorou muito os “por quês” e “você poderia exemplificar”, como ferramentas para que o entrevistado falasse mais livremente e aprofundasse seu relato. Houve momentos em que o pragmatismo e objetividade ficaram mais latentes, e a pesquisadora se viu vagando em uma conversa sem clareza quanto ao fim pretendido. Por outro lado, esta generosidade no processo propiciou inúmeros momentos semelhantes a uma catarse pessoal dos bailarinos, expondo suas experiências vividas com riqueza de detalhes e sentimentos, material este que se mostrou muito pertinente para a análise posterior. Era como se estivessem esmiuçando situações que parecem banais, mas não o são. À medida que a quantidade de entrevistas aumentou, a naturalidade no papel de entrevistadora foi sendo conquistada, contribuindo para uma coleta de dados mais densa e focada. E, aos poucos, as recorrências foram sobressaindo, conferindo maior clareza quanto à consistência do material coletado.

As entrevistas foram realizadas entre os meses de março e maio de 2008, e todas foram gravadas em meio digital e integralmente transcritas para posterior análise.

3.3

Procedimentos e questionamentos sobre a análise dos dados

A bagagem da autora com relação aos conflitos, prazeres e conseqüências envolvidos na escolha da profissão de bailarino, bem como com os desafios envolvidos no estabelecimento de uma relação de trabalho digna entre empregador e bailarino, implica diversas vantagens para a compreensão profunda destas realidades. Ao mesmo tempo, implica em um acúmulo de pré-conceitos sobre o tema: tanto pelo ponto de vista do bailarino, quanto pela perspectiva de um gestor de uma companhia profissional. Portanto, um grande desafio da autora no presente estudo foi o de fazer um constante trabalho de "troca de lentes", ora aproximando-se a ponto de se reconhecer e compartilhar experiências com o entrevistado e ora afastando-se para buscar um nexo e uma "leitura" passível de ser entendida por quem está fora deste mundo.

De acordo com Velho (1986, *apud* DUARTE, 2002), sempre existe um risco quando um pesquisador lida com indivíduos próximos, às vezes conhecidos, com os

quais compartilha valores, percepções e anseios. No entanto, o autor assinala que, quando se decide tomar sua própria sociedade como objeto de pesquisa, é preciso partir do princípio que sua subjetividade precisa ser *“incorporada ao processo de conhecimento desencadeado”* (Velho, 1986, *apud* DUARTE, 2002, p.148), *“o que não significa abrir mão do compromisso com a obtenção de um conhecimento mais ou menos objetivo, mas buscar as formas mais adequadas de lidar com o objeto de pesquisa.”* (DUARTE, 2002, p.148)

Por conta desta sua situação de ao mesmo tempo observadora e "nativa", e para analisar um material tão rico e multifacetado como o das entrevistas, a autora julgou ser pertinente lançar mão de ferramentas metodológicas comuns à antropologia. Neste sentido, a construção do presente estudo leva em conta a posição da pesquisadora diante do assunto abordado e aplica conceitos como o "distanciamento antropológico" e a "observação participante" para entender, delinear e "traduzir" o universo dos bailarinos profissionais no Rio de Janeiro.

“Dessa maneira, a interpretação das estruturas simbólicas e do fluxo da ação social no contexto organizacional, em suas características mais singulares em relação ao ambiente externo e ao grupo, permitirá uma compreensão mais abrangente da estruturação das relações sociais e da atuação do homem nesse ambiente. A antropologia pode possibilitar a compreensão do relacionamento entre os processos de representação e os demais processos relevantes à realidade organizacional.” (MASCARENHAS, 2002, p.94)

A experiência de observação participante - apresentada como uma metodologia de grande contribuição para o estudo da administração, principalmente no que diz respeito ao fator humano nas organizações (MASCARENHAS, 2002) - no caso da autora, foi resultado de um resgate de dois momentos de sua vida, primeiro como bailarina e atualmente como gestora. No entanto, para que a autora de fato pudesse exercer o papel de "tradutora" destes universos teve que aplicar também o distanciamento antropológico para “desnaturalizar” o que lhe era familiar, e assim poder estabelecer conceitos e visões comuns sobre o mundo e sobre o trabalho.

O resultado final pretendido objetiva contribuir para uma compreensão ampliada da cultura - hábitos, valores, motivações - dos bailarinos enquanto grupo. E, por outro lado, o que significa trabalhar com cultura/arte no Rio de Janeiro - o que significa ser bailarino nesta cidade? Qual a consequência da escolha da profissão na vida destes sujeitos? O que poderia ser diferente na relação vivenciada com a

companhia para este profissional estar mais satisfeito, apesar da instabilidade e informalidade do mercado cultural carioca? De que forma uma companhia ou projeto pode contribuir para o estabelecimento de uma relação profissional que gere satisfação a ambas as partes, contribuindo assim positivamente para a qualidade do trabalho comum proposto?

A partir da experiência de observação participante e do material coletado nas entrevistas, optou-se, por um lado, por elucidar a identidade do bailarino e as peculiaridades das relações profissionais no universo da dança carioca e por outro, analisar estas características sob o ponto de vista do comprometimento com a profissão e com as companhias. Desta forma, considerou-se de primordial importância entender o *habitus* do bailarino profissional carioca para, a partir desta compreensão, ter fundamento para analisar suas escolhas e as relações de trabalho estabelecidas. Explorar e traçar um perfil aprofundado do que significa ser bailarino e especificamente, o que significa ser bailarino profissional no Rio de Janeiro, será a primeira categoria de análise, seguida da análise das relações de trabalho, incluindo os fatores de comprometimento compreendidos nesse universo.

- a) a identidade do bailarino: o que é ser bailarino no Rio de Janeiro; como os bailarinos percebem seu ofício e as consequências desta escolha para o indivíduo;
- b) as relações profissionais dos bailarinos: peculiaridades e recorrências de relações inseridas em um mercado de trabalho enxuto, de baixa verba e caracterizado pela instabilidade das iniciativas, indicando reflexões sobre o perfil dos vínculos criados entre empregador e empregado neste mercado de trabalho informal e descontinuado;

Esses dois grandes tópicos de análise, e os sub-temas a eles associados, são apresentados a seguir, nos Capítulos 4 e 5.